

## ESPECIAL

# Os vampiros não eram bonzinhos

*Lua Nova*, talvez o grande acontecimento cinematográfico de 2010 e que entrou nesta sexta-feira em cartaz, narra a história de amor proibido entre a jovem Bella Swan e o sedutor, charmoso e recatado vampiro Edward Cullen. Mas nem sempre os vampiros foram como Edward, jovens galãs vestidos com os adereços da moda e cabelo cuidadosamente preparado com cera, controladores dos seus instintos e desejos compulsivos por sangue e preocupados com o bem-estar de suas namoradinhas humanas. O personagem da saga *Crepúsculo* está inserido no último estágio de um processo de transformação gradual sofrido pelos vampiros dentro da literatura e do cinema.

Os mitos acerca de criaturas que se alimentam de sangue são provenientes de tempos remotos, existindo referências na Mesopotâmia e até na Grécia Antiga. Eles serviam como personificação do mal, modelos de demonstração do lado obscuro da natureza. Porém, foi a partir do século 18 que teve início aquilo que se costuma denominar como vampirismo clássico, com a popularização da literatura como entretenimento. De acordo com o escritor Rafael Bán Jacobsen, apaixonado pelo assunto, as histórias vampirescas acabaram naturalmente embarcando no gênero literário gótico. "Havia uma distinção clara entre bem e mal, com o mal vindo de fora, como um elemento externo, para desafiar o bem. Além disso, todos os ambientes obscuros e aquele tipo de estética eram muito propícios para o surgimento do vampiro nas histórias", conta Jacobsen.

Naquele tipo de história, a regra era o bem vencer o mal, deixando alguma lição de moral bem evidente. Esta regra só seria quebrada um pouco mais tarde com Edgar Allan Poe, que, muito embora não dedicasse suas histórias aos monstros chupadores de sangue, mudou a maneira de focar o mal, fazendo com que este ganhasse características e passasse a se relacionar de certa maneira com o que é humano.

A imagem que se tornou a marca registrada do vampiro clássico no imaginário coletivo é a do *Drácula* de Bram Stoker, publicado originalmente em 1897. "Ele é quase uma antítese da luz divina ou do próprio Deus", ressalta Ja-



Entrevista com o Vampiro, adaptado do romance de Anne Rice, de 1976, mostra as criaturas com características mais humanas e dilemas éticos



Bela Lugosi como Conde Drácula consolidou a imagem do vampiro clássico

cobsen. No cinema, esta imagem ganhou a referência de Max Schreck como o monstruoso protagonista de *Nosferatu* (F. W. Murnau, 1922), primeiro longa-metragem adaptado do romance irlandês, e posteriormente a de Bela Lugosi como o Conde Drácula do filme de Tod Browning, de 1931, então já um vampiro bem menos aterrorizante em seu aspecto físico.

Um marco da conversão do vampiro em uma criatura mais próxima ao humano se dá na se-

gunda metade do século 20, com o livro de Anne Rice, *Entrevista com o Vampiro*, de 1976. Nesta obra, adaptada para o cinema apenas em 1994 e protagonizado por Tom Cruise, Brad Pitt e por uma Kirsten Dunst ainda infante, uma série de dogmas começam a ser colocados abaixo, como o fato de vampiros terem medo de alho, não poderem olhar para crucifixos, etc. Rafael Jacobsen destaca ainda que a postura dos personagens protagonistas da



Em *Nosferatu*, até a aparência física é bem distinta do ser humano

história, Lestat de Lioncourt e Louis de Pointe du Lac, reforçam a destruição daquele vampiro das catacumbas na direção de uma criatura com comportamento e conflitos cada vez mais humanos. "Lestat, mesmo sendo o vampiro 'mau', sempre concede às suas vítimas o direito de escolher entre a morte e a vida eterna, enquanto Louis, durante boa parte da história, prefere passar pela humilhação de morder animais, até mesmo ratos, para poupar os seres humanos, por uma questão moral", ressalta o escritor.

O que se vê hoje com a saga *Crepúsculo* é uma mudança em dois níveis dos personagens vampirescos, conforme ressalta Jacobsen. "Por um lado, ele sai das catacumbas e castelos mal-assombrados para dividir a mesma sala de aula com garotinhos normais, pois é mais humano, e por

outro pode-se notar um retorno ao gótico pela questão estética, mas também pela volta da lição de moral que carregam consigo depois de cada história", analisa. O jovem Edward que chega hoje aos cinemas em *Lua Nova* não tem mais nada de antiCristo e não mais personifica o mal. Antes, ele é a própria antítese do Drácula, busca a virtude e está constantemente lutando contra seu próprio instinto e desejos mais profundos para levar adiante seu amor por Bella, em um dilema de forte conotação religiosa conservadora criado pela autora. Já Bella, que é vista como tentação quase irresistível e chega mesmo a pedir para tornar-se uma vampira como forma de consumir seu amor, abrindo mão de sua humanidade, sai do lugar reservado às vítimas inocentes e acaba alçada à condição de uma Eva moderna.